CODESE/DF

Pelo desenvolvimento sustentável

Atuando em parceria com organizações do setor produtivo e da sociedade civil para participar ativamente do planejamento econômico sustentável de Brasília, o Conselho de Desenvolvimento Econômico (Codese/DF) surgiu em 2017 com o envolvimento de mais de 50 entidades da região.

"Foi criado nos moldes já existentes de algumas cidades brasileiras, como Maringá, município do Paraná, com o objetivo de propor e acompanhar a execução de políticas públicas por parte do Governo do Distrito Federal (GDF)", explica Leonardo Oliveira de Ávila, presidente do Conselho.

De caráter propositivo e consultivo, o Codese/DF é organizado em seis eixos de desenvolvimento, formados por 18 câmaras técnicas setoriais — compostas por especialistas, acadêmicos, entidades, associações, sindicatos, técnicos, servidores públicos, profissionais liberais, empresários e, também, membros voluntários da comunidade.

"A gente se dedica a debater questões sociais e econômicas do Distrito Federal com o objetivo central de propor ações efetivas para garantir o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos", informa.

Um exemplo relacionado à atuação do Codese diz respeito ao documento *O DF que a gente quer em 2040*, elaborado pelas câmaras técnicas do Conselho no ano passado, com a participação da população e da MacroPlan, empresa brasileira de consultoria com sede no Rio de Janeiro e atuação em todo o Brasil.

A proposta foi exposta para oito postulantes ao GDF que, em sabatinas individuais transmitidas ao vivo, debateram com os líderes dos eixos de desenvolvimento do Codese e gestores de câmaras técnicas as principais ações e metas propostas. "Ao final de cada sabatina, todos os candidatos firmaram o compromisso de executar esse legítimo plano de Estado proposto pela sociedade civil organizada", comenta.

Posteriormente, o retorno da iniciativa repercutiu e foi positivo. De acordo com Leonardo, 86% das ações estruturantes, 74% das iniciativas de curto prazo e 43% das metas finalísticas propostas foram acatadas pela Comissão de Transição do GDF para a gestão 2023-2026.

O primeiro objetivo da ação, na época em que foi veiculada, era de apresentar aos candidatos ao governo do DF, nas eleições de 2022, propostas a serem incorporadas não apenas durante a campanha, mas sim ao longo de todo o mandato.

O segundo objetivo tinha o intuito de trazer à sociedade uma visão estratégica e de longo prazo para levantar políticas públicas necessárias e duradouras a fim de beneficiar a população. Para o Codese, a visão de futuro apresentada no documento visa unir todos em prol de uma melhor qualidade de vida e mais oportunidades para os brasilienses.

De modo geral, o documento frisa a necessidade de Brasília se tornar uma metrópole verde, integrada, criativa e próspera. O Codese também reitera a importância de o DF ser humanizado, inclusivo e feliz, além de se tornar cada vez mais competitivo e com desenvolvimento econômico sustentável.

Aspectos relacionados à resiliência e digitalização também são abordados, assim como há um destaque para o crescimento ordenado, participativo e com mobilidade inteligente, moradia digna e valorização do patrimônio cultural. O fomento ao turismo não fica de fora, visto que o Conselho pontua a necessidade de tornar a região como um dos principais destinos culturais e esportivos do país.

Agenda 2030

De acordo com Leonardo, desde a fundação, o Codese utiliza a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) como referência para a elaboração das ações estratégicas e propostas de desenvolvimento. A agenda define 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para que, até o ano de 2030, o mundo atue no sentido de acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, e garantir que as pessoas desfrutem de paz e de prosperidade.

"O Codese elaborou a primeira versão do documento com ações e metas referenciadas na agenda de desenvolvimento da ONU e os 17 objetivos propostos. Segundo a Secretaria de Governo do Distrito Federal, cerca de 82% das ações e metas emergenciais propostas, em 2018, foram executados nos quatro primeiros anos do governo Ibaneis Rocha", comenta.

Três perguntas para

Leonardo Oliveira de Ávila, presidente do Codese/DF

Mariana Lins/Especial/CB/D.A Press



Como a união do setor produtivo auxilia no desenvolvimento do DF?

A união do setor produtivo com foco no desenvolvimento econômico sustentável da nossa cidade é, reconhecidamente, uma iniciativa que não só auxilia o GDF na elaboração de políticas públicas, mas também promove — por meio da parceria entre as empresas e o intercâmbio de boas práticas — o crescimento e a expansão da economia local, gerando emprego e renda para o Distrito Federal e região.

Qual a expectativa do Conselho para este ano?

Com o nosso projeto "O DF que a gente quer", foi criada uma agenda com indicadores de desenvolvimento, sob a qual trabalharemos continuamente e em parceria com o poder público para o atingimento de metas que promovam melhorias reais para a população.

Em continuidade aos trabalhos de elaboração do documento, está sendo implantado um modelo de governança para acompanhar a execução das ações propostas pelo Codese e incluídas no novo Plano de Governo do DF, bem como, também para monitorar os principais índices de desenvolvimento socioeconômico da nossa cidade.

Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo DF atualmente?

Temos maiores necessidades nos indicadores das áreas de saúde e educação, onde temos propostas concretas no documento elaborado e entregue ao Governo do Distrito Federal (GDF).

»ENTREVISTA | DIONYZIO KLAVDIANO | PRESIDENTE DO SINDUSCON-DF

Ao *CB.Poder*, empresário afirmou que a expectativa para este ano é positiva, com o andamento de projetos do governo que estavam parados. Para ele, a realização de empreendimentos populares é importante para o crescimento do setor

Indústria da construção avança

» CARLOS SILVA*

Dionyzio Klavdianos, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon-DF), está bastante otimista para 2023. Em entrevista ao CB.Poder *— parceria de TV Brasília e* **Correio** *— ele afirmou que a retomada de obras na capital e os projetos de ampliação de moradia para a população de baixa renda têm aumentado as expectativas. "Isso está fazendo com que o setor cumpra o seu papel, gerando emprego e muitas obras de infraestrutura, de forma que o conjunto é muito bom", revelou, ontem, na conversa com a jornalista Adriana Bernardes. Entre outros temas, ele também falou sobre o combate à grilagem de terras e aponto o programa de moradias para a população de baixa renda como uma das soluções.*

Mariana Lins



Como foi o ano de 2022 para a construção civil e qual é a expectativa do setor para 2023?

O ano de 2022 foi muito bom. Os períodos anteriores, por mais paradoxal que seja, por conta da pandemia, também foram positivos para a construção civil. O setor vem crescendo, no que tange à indústria imobiliária, e tem vendido bem. O último índice de velocidade de vendas, de outubro de 2022, é de 8,4% — acima de 5% mostra que o mercado está normal. Esse número é superior aos 7,8% de outubro de 2021. Obras públicas estão da mesma forma. O governo conseguiu viabilizar empreendimentos que estavam previstos para muito tempo atrás, como é o caso do túnel de Taguatinga e outros. Isso está fazendo com que o setor também cumpra o seu papel, gerando emprego e muitas obras de infraestrutura, de forma que o conjunto é muito bom.

Durante a campanha eleitoral, foi apresentada uma série de propostas do que seria a prioridade neste ano. Quais o senhor destaca?

O governo começou bem, lançando, logo na primeira semana, o Drenar DF, obra que vai conseguir resolver um problema crônico para a Asa Norte: enxurradas e inundações. Fora isso, há outros projetos de infraestrutura com forte caráter emblemático, com cerca de R$ 2 bilhões direcionados. Também temos mais de R$ 1 bilhão aplicado em mobilidade. Brasília é a terceira (maior) cidade do Brasil. São mais de 3 milhões de habitantes. Esse pessoal precisa se locomover bem. Fora isso, há um forte investimento em habitação social. Fala-se em 40 mil moradias. Isso tem uma importância enorme para combater a ilegalidade (de ocupação) da terra, que é, hoje, o nosso problema crônico. Então, apesar dos problemas de reequilíbrio que se tem, o governo tem avançado, mas o ritmo ainda não é o que gostaríamos. Não temos exemplos de obras paradas. Assim, o caixa forte nos faz ter esperança de que esse fluxo virtuoso seja possível.

> **O governo tem avançado (na realização de obras), mas o ritmo ainda não é o que gostaríamos. Não temos exemplos de obras paradas. Assim, o caixa forte nos faz ter esperança de que esse fluxo virtuoso seja possível"**

O Executivo local também tem demonstrado interesse em combater a ocupação ilegal de terras. De que forma isso afeta a construção civil?

Vou exemplificar com o Setor Habitacional Jóquei Clube, que está na iminência de ser finalmente liberado para licitação de lotes. Esse projeto já havia sido acalentado muito tempo atrás. A Associação Brasileira do Mercado Imobiliário (ABMI) doou o projeto cerca de quatro anos atrás. Com toda a boa vontade o Jóquei está levando, desde a entrega, quatro anos para ser aprovado. A indústria informal não tem essa burocracia. Entram e avançam, à despeito do combate que se faz. Há uma carência de habitação. As pessoas precisam morar e acabam chantageadas. Se têm uma dificuldade para obter a moradia legal, procurarão o ilícito. Nesse sentido, vemos com bons olhos esse programa que o governo está dizendo que vai implementar, com mais de 40 mil moradias de caráter social.

Em relação ao Setor Habitacional Jóquei Clube, por que tanta demora, mesmo com disposição de todos desenvolvidos?

Um novo bairro não acontece da forma como a construção ilegal faz. Não chegamos montando alguns barracos, não atendendo nenhum padrão, no que tange à questão da parte de infraestrutura. Nesses casos, depois, é gerado um problema. Você precisa de estudos anteriores para verificar os impactos ambientais, no tráfego. Também precisam ser feitos estudos sobre densidade urbana etc. Há uma série de estudos e testes que precisam ser feitos e apresentados. Então, tudo isso leva tempo, o que não é gasto por grileiros. Aí, há uma completa diferença. Muitas vezes, você tem uma burocracia maior do que poderia ter. Esse é o nosso sentimento e também de quem está junto conosco.

*** Estagiário sob supervisão de Malcia Afonso.**